

AS CRÔNICAS DAS IRMÃS BRUXAS I

JESSICA SPOTSWOOD

ENFEITIÇADAS





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

*Em memória de minha avó, Helen Emanuel, que me fez acreditar
que todas as minhas histórias eram fascinantes.*

CAPÍTULO

I

NOSSA MÃE TAMBÉM ERA BRUXA, MAS ela sabia esconder melhor do que eu.

Sinto saudade dela.

Nem um único dia se passa sem que eu deseje sua orientação. Principalmente em relação às minhas irmãs.

Tess corre na minha frente, dirigindo-se para o roseiral – nosso santuário, o único lugar em que nos sentimos seguras. As sapatilhas dela escorregam nas pedras do calçamento, o capuz de sua capa cinza cai e revela os cachos louros. Olho para trás, na direção de casa. Uma menina sair de casa sem capa é contra as restrições dos Irmãos, e correr não é um comportamento digno de uma dama. Mas não podemos ser vistas de casa por causa das cercas vivas altas. Tess está à salvo.

Por enquanto.

Ela espera adiante, chutando as folhas mortas embaixo de um bordo.

– Detesto o outono – reclama ela, e morde o lábio com dentes perolados. – Parece tão triste.

– Eu gosto – replico.

Há algo de revigorante no ar fresco de setembro, no céu azul seco, na mistura de cor de laranja, vermelho-escarlate e dourado. A Fraternidade provavelmente iria proibir o outono se pudesse. É lindo demais. Sensual demais.

Tess aponta para a trepadeira que sobe pela treliça. As pétalas das flores estão marrons e se desfazem, o caule se inclina na direção do chão.

– Veja, está morrendo – diz ela, tristonha.

Percebo sua intenção um segundo antes de ela agir.

– Tess! – solto um berro estridente.

É tarde demais. Ela aperta os olhos cinzentos e, no momento seguinte, é verão.

Tess está avançada nos feitiços para uma menina de 12 anos; é muito mais avançada do que eu quando tinha sua idade. As flores mortas se revigoram: inteiras, brancas e exuberantes. Folhinhas verdes brotam nos carvalhos. Peônias e lírios magníficos se agitam em direção ao céu, glorificando-se em sua ressurreição.

– Teresa Elizabeth Cahill! – chamo, contrariada. – Faça voltar ao que era.

Ela abre um sorriso encantador e saltita adiante para sentir o cheiro dos lírios alaranjados.

– Só alguns minutos. Fica mais bonito assim.

– Tess.

Meu tom não dá margem para nenhuma discussão.

– Afinal, de que adianta tudo isso se não podemos usar para deixar as coisas mais bonitas?

Até onde sei, “tudo isso” não serve para muita coisa. Ignoro a pergunta de Tess.

– Agora! Antes que a senhora O’Hare ou John saiam de casa.

Tess balbucia um feitiço *reverso* sem abrir a boca. Concluo que fez isso para o meu bem. Diferentemente de mim, ela não precisa falar em voz alta para lançar um encanto.

As flores murcham na trepadeira, as folhas se esfurelam sob os nossos pés, as marias-sem-vergonha se despedaçam. Tess não parece nada feliz com isso, mas pelo menos me ouve. Já é mais do que posso dizer sobre Maura.

Passos ecoam nas pedras do calçamento atrás de nós. É a marcha apressada e pesada de um homem. Dou meia-volta para encarar o intruso. Tess chega mais perto e contendo o ímpeto de abraçá-la. Ela é pequena para a idade, mas eu a faria ficar assim para sempre se pudesse. Uma criança estranha e bonita está mais segura do que uma mulher estranha e bonita.

John O’Hare, nosso cocheiro e pau para toda obra, dá a volta na cerca viva.

– Seu pai está chamando, senhorita Cate – bufa ele, com as bochechas barbadas e vermelhas. – Ele está no escritório.

Dou um sorriso educado e enfió uma mecha solta de cabelo embaixo do capuz.

– Obrigada.

Espero até que ele vá embora. Então me viro, puxo a capa de Tess de modo a cobrir seus cachos e me abaixo para tirar a poeira de sua barra de renda esfarrapada.

Meu coração bate forte. Se ele tivesse aparecido dois minutos antes, se tivesse sido o Pai ou os Irmãos em uma visita surpresa, como iríamos explicar que este canto do jardim estava ganhando vida nova?

Não teríamos como explicar. Era magia, pura e simplesmente.

– É melhor ir ver o que o Pai quer – digo a Tess.

Tento parecer animada, mas o chamado inesperado me deixa preocupada. Só faz alguns dias que ele voltou de Nova Londres. Será que tem planos de nos abandonar em breve, mais uma vez? O tempo que ele passa em casa fica mais curto a cada ano.

Tess olha melancólica para o caminho calçado com pedras que atravessa o roseiral.

– Então, hoje não vai ter treinamento?

– Depois da sua exibição? Não. – Balanço a cabeça. – Você sabe muito bem disso.

– Ninguém poderia nos ver, Cate. Estávamos atrás das cercas vivas. Teríamos escutado, assim como escutamos John se aproximando.

Lanço-lhe um olhar de reprovação.

– Nada de magia ao ar livre, a não ser no roseiral. Foi o que a Mãe me ensinou. Ela criou as regras para nos manter em segurança.

– É, acho que sim.

Tess suspira. Seus ombros magros desabam, e odeio o fato de ter tirado essa pequena alegria dela. Quando eu tinha sua idade, gostava de correr pelos jardins, e imagino que também fosse descuidada com minha magia. Mas eu tinha a Mãe para cuidar de mim. Agora preciso assumir essa função com Tess e Maura e ignorar a garota rebelde que ainda vive no meu coração, implorando para sair.

Vou na frente enquanto andamos até a casa, então entramos pela porta da cozinha e penduramos as capas nos ganchos de madeira. A Sra. O'Hare está debruçada por cima de uma panela borbulhante com seu cozido de

peixe horroroso, cantarolando um trecho de uma antiga canção de igreja, balançando a cabeça de cabelo encaracolado e grisalho ao ritmo da música. Ela sorri e faz um gesto na direção da pilha de cenouras na mesa. Tess lava as mãos e começa a picá-las. Ela adora ficar na cozinha cortando, misturando e medindo. Isso não é apropriado para meninas da nossa posição, mas há muito tempo a Sra. O'Hare desistiu de pensar no que é ou não apropriado em relação a nós.

A porta pesada do escritório do Pai está um pouquinho aberta. Consigo vê-lo na mesa de trabalho, com os ombros caídos de exaustão, como se o que ele mais desejasse fosse uma soneca. Mas há uma pilha de volumes grossos encadernados em couro na sua mesa, e não tenho dúvida de que, assim que o nosso assunto estiver concluído, vai retornar a eles imediatamente. E quando terminá-los, há vários outros nas prateleiras, prontos para ocupar seu lugar. Ele é um homem de negócios, sim, mas, em primeiro lugar – e mais importante –, é um estudioso.

Bato na porta e espero autorização para entrar.

– John disse que queria falar comigo.

– Entre, Cate. A senhora Corbett e eu achamos que você devia dar sua opinião a respeito do nosso novo arranjo, já que ele afeta vocês, meninas.

O Pai faz um gesto na direção do canto da sala, onde a Sra. Corbett está sentada feito uma aranha gorda no sofá vermelho de plush, tecendo suas pequenas tramoias.

– Novo arranjo? – repito, e me aproximo da mesa dele.

A Sra. Corbett demonstrava pouquíssimo interesse em nós antes de a Mãe morrer, mas, desde então, não para de fazer sugestões caridosas. Sua última ideia foi me enviar para uma escola de convento administrada pelas Irmãs. Tive que coagir o Pai e modificar sua memória para que não me obrigasse a ir. Ele só se lembra de achar que não seria prudente me mandar para lá tão pouco tempo depois de perder a Mãe.

Invadir a mente dele foi a coisa mais perigosa que já fiz. Mas foi necessário. Como eu poderia manter a promessa de cuidar das minhas irmãs se estivesse em Nova Londres? Fica a dois dias de viagem.

– Eu acho que... quer dizer, a senhora Corbett sugeriu... – O Pai protela até não poder mais, mas finalmente chega ao ponto – uma governanta! Seria perfeito.

Ah, não.

– Para quê? – pergunto.

O rosto fino do Pai fica corado.

– Para a educação de vocês. Voltarei a Nova Londres semana que vem e passarei a maior parte do outono fora. Isso é tempo demais para vocês, meninas, fiquem longe das suas lições.

Meu coração se aperta. Horas roubadas aqui e ali para corrigir nossa pronúncia em francês e as traduções de latim são o único tempo que passamos com ele ultimamente. Agora não teremos nem isso. Aprendi a não contar com o Pai anos antes, mas não é assim com Tess. Ela vai ficar arrasada.

Tiro a poeira do abajur no canto da mesa dele e digo:

– Maura e eu podemos ensinar Tess enquanto você estiver viajando. Eu não me incomodo.

O Pai, com muito tato, não menciona o fato de que o latim de Tess é infinitamente melhor do que o meu.

– Se essa fosse a única... quer dizer... você está com 16 anos agora, Cate, e...

Ele olha impotente para a Sra. Corbett, que fica mais do que contente em se intrometer.

– A educação de uma moça envolve mais do que línguas estrangeiras. Uma governanta poderia dar um pouco de refinamento a vocês, meninas – declara ela, e me examina de cima a baixo.

Cerro os punhos. Sei qual é a minha aparência: vestido azul-marinho de gola alta sem nenhum babado ou enfeite, as botas gastas que uso para trabalhar no jardim, o cabelo preso em uma trança que cai pelas minhas costas. Não me beneficia nem um pouco. Mas é melhor ser considerada desmazelada do que atrair atenção demais.

– Nós vamos à cidade toda semana para nossa aula de piano – lembro ao Pai.

A Sra. Corbett dá um sorriso amarelo e seus olhos desaparecem em meio às dobras de gordura em seu rosto.

– Acredito que seu pai esteja pensando em mais do que aulas de piano, querida.

Eu deveria baixar os olhos, como uma boa garota, mas não faço isso. Aquele “querida” adocicado e familiar demais me irrita. Endireito os ombros, levanto o queixo e olho bem nos seus olhinhos reluzentes cor de avelã.

– Como em quê, por exemplo?

– Posso ser sincera com você, senhorita Cate?

– Por favor – respondo, com uma ponta de ironia na voz.

– Você está em uma idade em que já deveria estar pensando no futuro. No seu e no da senhorita Maura. A sua cerimônia de intenção ocorrerá em breve. Não vai demorar muito para que precise fazer sua escolha: casar-se e formar uma família, queira o Senhor, ou juntar-se à Irmandade.

Fico mexendo nas franjas douradas da cúpula do abajur, com as bochechas coradas.

– Sei muito bem quais são minhas opções – rebato.

Como se fosse possível esquecer. Parece que passo metade dos meus dias lutando contra o medo, recusando-me a permitir que o pânico crescente me domine.

– Bom, talvez não esteja sabendo que vocês, meninas, estão ficando faladas. Dizem que são... excêntricas. Intelectuais. A senhorita Maura ainda mais do que você. Ela está sempre com o nariz enfiado em um livro, não é mesmo? Sempre entrando e saindo daquela livraria. Vocês duas não fazem visitas nem recebem ninguém em casa. É compreensível, sem ter mãe para orientá-las. – A Sra. Corbett olha com tristeza para o Pai. – Mas lamentável. Achei que era minha obrigação de amiga dizer a seu pai o que andei escutando.

Claro que sim. Como é enxerida, metida...

Excêntricas, foi o que ela disse. Será que as megeras da cidade andam fazendo fofoca a nosso respeito? E se a Fraternidade ficou sabendo? O Pai é um estudioso de latim de certo renome e é respeitado pelos Irmãos. Antes da morte da Mãe, antes de herdar a empresa do tio em Nova Londres, ele dava aulas na escola de meninos da cidade. Mas isso não basta para assegurar a reputação das filhas. Hoje em dia, ninguém está acima de qualquer suspeita.

Achei que nos manter isoladas seria mais seguro. Talvez eu tenha feito tudo da maneira errada.

Fico de queixo caído, mas o Pai toma meu silêncio como consentimento e continua:

– A senhora Corbett conhece uma moça que daria conta do recado. Ela é fluente em francês, é boa em pintura, música...

Sua voz prossegue em um discurso monótono, mas paro de ouvir. Nossa governanta será exímia em todas as coisas bonitinhas e inúteis que as jovens damas da nossa posição supostamente devem dominar.

E ela vai morar aqui. Bem aqui na nossa casa.

– Então, ela já foi contratada? – indago por entre os dentes.

– Irmã Elena estará aqui na segunda-feira pela manhã – responde a Sra. Corbett, sorrindo.

Irmã? É pior do que eu pensava. As Irmãs são o braço feminino da Fraternidade, só que não possuem nenhum poder: não têm palavra em disputas legais, não criam adendos aos códigos de moral nem julgam os casos de garotas acusadas de bruxaria. Vivem isoladas em conventos nas cidades e dedicam a vida ao serviço do Senhor, educando meninas nos internatos de elite, ocasionalmente trabalhando como governantas. Nunca conheci uma integrante da ordem, mas as vi passando pela cidade em suas carruagens fechadas, todas vestidas de preto. Sempre parecem frágeis e sem alegria. A filha da Sra. Corbett, Regina, teve uma Irmã como governanta antes de se casar.

Será essa a intenção do Pai? Será que essa governanta é especialista em arrumar casamento para meninas incorrigíveis, como Maura e eu?

Eu me viro para ele, com acusações nos lábios. Não disse que queria minha opinião? Mas já tomou sua decisão! Ou outra pessoa a tomou por ele.

O Pai vê a irritação no meu rosto e murcha igual às pobres flores da trepadeira no jardim.

Maldição! Não posso discutir com ele. Desde que a Mãe morreu, não sobrou muito dele com que discutir.

– Se a decisão já foi tomada, precisamos aproveitá-la da melhor maneira possível. Tenho certeza de que ela é adorável. Obrigada por pensar em nós, Pai.

Lanço a ele meu sorriso mais encantador, cheio de dedicação filial. Está vendo? Consigo ser tão doce quanto a torta de morango de Tess quando quero.

O Pai retribui o sorriso com incerteza.

– Não há de quê. Só quero o melhor para vocês, meninas. Quer dar a notícia às suas irmãs ou devo contar a elas no jantar?

Ah... Foi por *isso* que ele mandou me chamar. Nunca teve a intenção de pedir minha opinião. Era só fingimento, porque ele não tem coragem de contar a elas pessoalmente! Assim, quando Maura tiver um chilique e Tess ficar de mau humor, ele vai poder se reconfortar com a ideia de que “*Cate concordou que era melhor assim*”. Como se eu tivesse algum poder de decisão nesse assunto.

– Não, não. Eu digo a elas. – É melhor serem grosseiras comigo do que com o Pai. – Vou fazer isso agora mesmo. Tenha um bom dia, senhora Corbett.

A Sra. Corbett tira fiapos invisíveis de sua saia de lã.

– Tenha um bom dia, senhorita Cate.

Faço uma mesura e fecho a porta atrás de mim, amaldiçoando a alma sombria daquela mulher. Ela não faz ideia do perigo em que acaba de nos meter.

Maura está no banco perto da janela, toda encolhida, com uma colcha de retalhos nos ombros, lendo um romance gótico. Esses livros são proibidos, é claro, mas ela tem uma pilha deles escondida debaixo de uma tábua solta do assoalho do armário. Eram da Mãe.

Vou entrando sem bater. Ela fecha o livro, usando o indicador para marcar a página, e me encara desconfiada com seus olhos de safira.

– Já ouviu falar em bater na porta? – pergunta ela. – É a última moda entre as pessoas educadas.

– Ah, sim, sei que você é uma grande adepta das boas maneiras – digo, e dou risada.

– O que foi? – Ela se senta ereta e um pé descalço desponta por baixo da saia azul-marinho. – Fale logo. Preciso descobrir o que acontece com a coitada desta garota. Ela está prestes a ser violentada por um duque.

Reviro os olhos. Belo material de leitura para uma jovem dama. Se o Pai soubesse disso, até ele iria se opor. Mas temos coisas mais importantes com que nos preocupar no momento.

– O Pai resolveu contratar uma governanta. Uma integrante das Irmãs.

Maura dobra o canto da página e larga o livro.

Não é uma sentença de morte certa. Mas vai fazer com que as coisas fiquem mais difíceis, principalmente se ela for do tipo carola e tagarela. Já é bem difícil guardar segredo do Pai, da família O'Hare e de Lily, a nossa aia. Colocar mais uma pessoa em casa, alguém que passará o tempo todo avaliando nossa conduta, vai gerar muitas complicações.

– O Pai que decidiu? – Maura quer saber. – Até parece que ele iria tomar a iniciativa de elaborar um plano assim.

Ela batuca com os dedos na janela. Do lado de fora, a Sra. Corbett está entrando na carruagem, com o vento soprando sua capa. Ela parece um corvo enorme e gordo.

Eu tinha pensado a mesma coisa sobre o Pai, mas não gosto de ouvir Maura falar assim.

– Ah, por favor, não faça essa cara. Sabe que é verdade. – Ela afasta as cortinas de algodão para podermos ver melhor. – Acha que ela quer se casar com ele?

– *Casar* com ele?

O Pai jamais voltaria a se casar.

– Viúvos voltam a se casar, Cate. Principalmente viúvos com três filhas. Acontece o tempo todo nos meus livros. Ela seria uma madrasta dos infernos, não é?

Maura chega mais para o lado e abre espaço para mim. Nós duas espiamos a Sra. Corbett.

– Acho que o Pai não parece nem um pouco interessado – comento.

– Claro que não. O Pai não se interessa por nada além dos livros e dos negócios dele. Ele nunca está aqui. Nós é que teríamos que aturá-la, como faremos com esta governanta.

Maura franze o nariz.

Aguardo a explosão que está por vir. Tess e eu somos aquarela em comparação à tinta a óleo pesada que Maura é, com seu cabelo cor de fogo e seu temperamento igualmente esquentado. Ela é impetuosa. Intratável. Fica irritada com facilidade.

– Talvez não seja tão ruim. Quem sabe uma governanta não consiga animar um pouco as coisas? – diz ela por fim.

Eu me sobressalto e fico encarando-a como se tivesse nascido mais uma cabeça em seu pescoço.

– Você quer uma governanta? Morando aqui? Quando sugiro que vá praticar suas lições de piano, você quase me arranca a cabeça, mas daria as boas-vindas a uma desconhecida qualquer cuja única função é mandar em nós?

– Bom, estou cansada de ver você fazendo isso – resmungo Maura. – Já tenho 15 anos, Cate. Não preciso mais que você fique cuidando de mim. Não sou um bebê igual a Tess. Aliás, nem Tess é mais um bebê.

Pego as sapatilhas de veludo azul que ela jogou de qualquer jeito ao lado da cama.

– Eu sei.

– Sabe? Age como se não soubesse.

Maura balbucia alguma coisa sem abrir a boca e a sapatilha na minha mão de repente se transforma em uma aranha. Começa a rastejar pelo meu pulso e subir pelo meu braço. Fico paralisada, mas apenas por um instante.

Não sou uma menina fraca e fresca, que tem medo de coisas que se arrastam na escuridão.

Maura me curou disso. Minha magia se tornou evidente aos 11 anos, mas a dela só se manifestou quando tinha 12, e então explodiu da noite para o

dia. Ela ficou desnorteada. Depois que a Mãe morreu, ficou impossível. Estávamos de luto – mal saíamos, a não ser para as cerimônias religiosas –, mas ela não era cuidadosa o suficiente em casa. Eu vivia apavorada com a possibilidade de um dos vários criados flagrá-la ou, que o Senhor nos livre, de que o Pai a pegasse. Brigávamos o tempo todo por causa de seu descuido. Depois de nossas discussões, fantasmas horripilantes saltavam do meu armário, aranhas subiam na minha cama e faziam teias no meu cabelo. Cobras se enrolavam nos meus tornozelos e lambiam meus pés com sua língua bifurcada.

Aprendi rapidamente a escapar dessas coisas com o pensamento. E a nunca, jamais, demonstrar meu medo. A Mãe nos ensinou que todo o poder de uma bruxa está na mente. Não podemos transformar a matéria, mas apenas a maneira como as pessoas veem as coisas e, em casos muito raros, o modo como se lembram delas.

– *Commuto* – digo, e a aranha volta a ser uma sapatilha.

Jogo-a na pilha com as outras, na frente do guarda-roupa de Tess.

– Você não está morta de tédio, Cate? Eu estou. Se não tivesse os meus romances, eu ia me jogar no rio. – Os olhos de Maura se arregalam quando ela fica em pé e se espreguiça. O tecido de seu corpete se estica. Ela precisa de vestidos novos para acomodar suas recém-adquiridas curvas. – Que tipo de vida levamos aqui, vagando pela casa feito fantasmas? Você nunca anseia por *mais*?

Se anseio? Faz anos que deixei de pensar no que quero. Não tem muita importância. Eu não queria que a Mãe morresse; eu não queria que o Pai se transformasse em uma sombra de seu velho eu; não queria a responsabilidade de tomar conta das minhas irmãs. Eu certamente nunca quis ser bruxa, para começo de conversa.

O Universo nunca levou meus desejos em consideração.

Maura ainda acha que pode fazer com que o mundo se renda à sua vontade. Ela vai aprender.

Uma lembrança vem à tona: eu correndo pelo jardim, perseguida por um menino louro com olhos verdes travessos. Eu deixava ele me pegar e me fazer cócegas até eu perder o fôlego. A maneira como ele olhava para mim, com a testa queimada de sol quase tocando a minha, seu corpo me apertando contra a grama. Como ele dava risada e rolava para longe, com as bochechas vermelhas como o cabelo de Maura... – e de repente ficou claro que estávamos crescidos demais para aquele tipo de brincadeira.

Mordo o lábio – um hábito nada feminino, eu sei, e que Tess pegou de mim.

– O que quer fazer? O que impeço você de fazer? Tomar o chá da tarde na casa da senhora Ishida? Sair para fazer compras com Rose Collier e Cristina Winfield?

– Não. Não sei. Talvez! – retruca Maura, e começa a andar de um lado para outro.

Meu Senhor. Se essas parecem ser opções atraentes, ela está se sentindo mais solitária do que eu imaginava.

– Ninguém a impede de fazer amigas. Você pode convidar as meninas da cidade para tomar um chá quando quiser.

– Até parece que elas viriam! Elas mal nos conhecem, e nós nos vestimos feito mendigas. Além do mais, você é mais velha, teria que ser a anfitriã, mas prefere ser uma eremita.

Eu me afundo na cama de Maura e aliso a colcha amarela que a Mãe costurou durante uma de suas longas convalescenças. Maura está certa; eu não ia gostar de ficar jogando conversa fora com as meninas sorridentes e acanhadas da cidade. Mas eu poderia fazer isso. Por ela. Para nos manter em segurança.

– É isso que você realmente deseja?

Ela gira o globo antigo que o Pai lhe deu em seu último aniversário.

– Não sei. Quero mais do que temos agora, disso eu sei. Precisamos começar a pensar no nosso futuro, não acha? Como vamos encontrar alguém para casar se nunca saímos de casa?

– Do jeito que você fala, parece que somos reclusas – argumento. – Nós saímos de casa, sim.

– Para ir a cerimônias religiosas e ter aulas de piano. – Maura gira o globo mais rápido, até ele se transformar em um borrão verde-azulado de lugares que nunca vamos visitar. – Para você está tudo muito bem. Vai se casar com Paul, ter filhos e morar na casa ao lado para sempre. Como não vai morrer de tédio é o que não sei, mas pelo menos já está arranjada. Mas e quanto a mim?

Ignoro a provocação.

– Não tem nada arranjado. Ele nem se deu ao trabalho de vir para casa e me visitar, nem uma vez. – Ajeito os travesseiros dela em uma fileira organizada e os afofo com mais força do que o necessário. – Talvez tenha se apaixonado por alguma garota da cidade.

– Nada disso. – Maura lança um sorriso torto para mim. – Ficaríamos sabendo. A senhora McLeod contaria para todo mundo.

O Sr. McLeod é inválido, está confinado à cama, e Paul é o único filho, a alegria da mãe. Os mimos dela o deixam louco. No início, fiquei surpresa de ele ter ido para a universidade. Suas notas na escola nunca foram boas; o Pai teve que lhe dar aulas particulares. Agora desconfio de que ele só quisesse fugir daquela casa horrível. Mesmo assim, não é desculpa para não fazer uma visita. Faz quatro anos que ele não vem para casa. Não veio para o Natal. Nem para o enterro da Mãe.

– Bom, você vai descobrir na semana que vem, não é? – Maura se coloca na frente do espelho e passa o velho pente de casco de tartaruga da Mãe nos cachos. – Está nervosa?

– Não – eu minto. – É só o Paul. Além do mais, estou zangada com ele.

– Vai ter que superar isso. Até porque não há uma fila de homens lá fora loucos para se casar com você. – Maura me avalia, largada na cama dela, toda bagunçada. – Você precisa pedir à governanta que lhe encomende um vestido novo. Algo que esteja na moda. Não pode permitir que ele a veja desse jeito.

– Paul não vai se incomodar.

Será? O menino com quem eu cresci não iria se incomodar.

Preciso colocar meu orgulho de lado e tentar agradá-lo. É isso que uma garota prática faria.

– Olhe só para você! – exclama Maura.

Ela me puxa e me faz ficar em pé ao seu lado. Algumas mechas do cabelo estão fugindo da trança e há uma mancha de tinta na minha manga. Mas, mesmo no meu melhor estado, não posso me comparar a ela. Maura sempre foi a beldade da família. Meu cabelo é liso e louro, com o mínimo traço de ruivo; não tenho os cachos lindos e cheios de brilho de Maura, e meus olhos são de um cinza sem graça, iguais aos do Pai. Pior ainda, meu queixo pontudo passa a impressão de teimosia. Mas este é um segredo mal guardado: as pessoas o descobrem depois de conversarem cinco minutos comigo.

– Sua aparência está horrível – diz ela com toda a franqueza. – Mas poderia ficar linda caso se esforçasse. Você devia se esforçar, Cate. Daqui a seis meses vai ter que se casar com *alguém*. Não pode ficar aqui e nos proteger para sempre.

Faltam seis meses para eu completar 17 anos... mas só faltam três para que eu precise anunciar um noivado. O pensamento acaba com a minha tranquilidade.

Maura tem razão. Ela está dizendo a mesma coisa que a Sra. Corbett: não da mesma maneira e não pelos mesmos motivos. Mas, se a Mãe estivesse

viva, Maura e eu frequentaríamos chás, receberíamos e faríamos visitas, mostrando-nos como moças disponíveis para casar. Posterguei isso tudo, com medo de não ser bem-sucedida, de chamar atenção para nós. Mas pelo jeito esperei demais, e o atraso teve o efeito exatamente oposto ao que eu queria.

Não podemos dar motivo aos Irmãos para desconfiarem de nós.

– Acho que devemos dar uma chance à governanta. Seremos cuidadosas – promete Maura.

– Ela vai morar aqui. Nunca vai permitir que você leia seus romances, que Tess continue seus estudos nem que eu passe o dia todo no jardim. – Meu coração fica apertado com esse pensamento. A jardinagem é a única liberdade a que me permiti. Se a governanta me obrigar a ficar dentro de casa o dia inteiro, pintando cestas de frutas, vou enlouquecer. – Se ela perceber o que nós somos...

Maura dá um sorriso debochado e torce seus cachos em um coque frouxo.

– Se ela causar problemas, vamos alterar a memória dela. Não é isso que as bruxas más fazem?

Eu me viro de maneira brusca para ficar de frente para ela.

– Não tem graça nenhuma.

Minhas irmãs não sabem que sou capaz de fazer magia mental. É uma coisa absolutamente rara e considerada o tipo mais obscuro de magia que existe. A Mãe era a única que sabia, e até ela ficou horrorizada.

Maura prende o cabelo no lugar com grampos.

– Eu só estava brincando.

– Bom, não brinque. Não é correto entrar na mente das pessoas e bagunçar as coisas! É invasivo demais. É...

Eu me detenho antes de dizer *perverso*.

Mas Maura fica olhando fixo para mim pelo espelho, como se soubesse o que estou pensando.

– Nós somos bruxas, Cate. Nascemos assim. A magia não é algo vergonhoso, por mais que os Irmãos queiram nos convencer disso. É um dom. Eu gostaria que você aceitasse esse fato.

CAPÍTULO

2

EU SEI O QUE OS IRMÃOS DIRIAM: A magia não é um dom do Senhor, é coisa do demônio. Mulheres capazes de fazer magia ou são loucas ou perversas. Estão destinadas a um hospício, na melhor das hipóteses, ou a um navio-prisão – se não a um túmulo precoce.

– Parece mais uma maldição – desabafo, então suspiro e ajeito os grampos de cabelo na penteadeira dela.

– Para você! – Maura bate forte com a mão no tampo da penteadeira, fazendo os frascos de vidro tremerem e espalhando os grampos de novo. Os olhos azuis queimam em seu rosto pálido.

– Porque tenta fingir que ela não existe. Se dependesse de você, não usaríamos magia nunca. Devíamos aprender tudo o que pudermos e treinar o máximo possível. É nosso direito de nascença.

– Então, treinaríamos magia de manhã e receberíamos as esposas e as filhas dos Irmãos para o chá da tarde? Não acha que essas coisas são um tantinho incompatíveis?

– Por quê? Por que não podemos ter as duas coisas? – Maura põe as mãos na cintura. – Não são os Irmãos que nos impedem, Cate. É você.

Eu recuo, ofendida, e quase derrubo o globo. Uso as mãos para firmá-lo em seu pedestal.

– Estou protegendo vocês.

– Não. Está nos *sufocando*.

– Acha que eu gosto disso? – questiono, e jogo as mãos para o alto. – Estou tentando mantê-las em segurança. Preciso impedir que terminem como Brenna Elliott!

Maura afunda no banco; seu cabelo é tão vermelho quanto os bordos que ladeiam a entrada.

– Brenna Elliott é uma tonta.

Não é tão simples assim, e Maura sabe muito bem disso.

– Será que é? Ou será que foi apenas descuidada? De qualquer modo, acabaram com ela.

Maura ergue uma sobrancelha, cética.

– Ela já era esquisita antes.

– Esquisita ou não, não merecia o que fizeram com ela naquele lugar – rebato.

Brenna Elliott me faz ter pesadelos. É uma menina da nossa cidade, da minha idade. Era comum vê-la caminhando pela rua, conversando profundamente consigo mesma, cantarolando sem abrir a boca. Mas era uma garota bonita e neta do Irmão Elliott, e todos perdoavam sua excentricidade – até o momento em que ela tentou avisar seu tio Jack que ele ia morrer, um dia antes de isso acontecer. Depois que ele faleceu (bem quando ela havia mencionado, em um acidente de carruagem), seu próprio pai a entregou. Ela foi acusada de bruxaria e despachada para Harwood. Menos de um ano depois, cortou os pulsos. Quando o avô ficou sabendo, afirmou que ela havia sido mentalmente incapaz a vida toda, que sua conversa maluca era resultado de doença, não de bruxaria. Ele a levou para casa para se recuperar. Nas primeiras semanas, tiveram que lhe dar comida feito um bebê e ela se recusava a falar com qualquer pessoa. Até hoje, mal sai de casa.

Agarro o braço de Maura.

– Não sou mandona porque gosto. Estou tentando protegê-las. Não quero que você seja despachada para Harwood. Não vou ficar de braços cruzados para ver Tess com cicatrizes nos pulsos e sem vida nos olhos!

– Shhh! – Maura sibila e faz um gesto para que eu me cale. – O Pai vai escutar.

Não consigo me conter. A ideia de minhas irmãs serem mandadas para longe para sofrer por causa de minha falta de zelo me aterroriza.

Prefiro que elas achem que sou uma megera.

– Vou sair – anuncio. – Vá contar a Tess a respeito da governanta, já que está tão contente com isso.

Desço a escada de madeira com passos pesados, cheia de preocupação. Espero que Tess tenha a sensatez de ver a ameaça que esta mulher de fora pode representar. Se pelo menos eu pudesse ter certeza de que as minhas irmãs teriam mais cuidado, que seriam mais vigilantes em relação ao que pode acontecer conosco...

Prometi à Mãe que iria cuidar delas. Foi em mim que ela confiou: não na Sra. Corbett, não na Sra. O'Hare, nem mesmo no Pai. A segurança delas é responsabilidade minha agora. Mas as duas não facilitam as coisas. Praticam magia sempre que lhes dou as costas, sempre que acham que ninguém vai ver. Elas se divertem com atividades e livros nada convencionais. Ultimamente, Maura anda se rebelando contra minhas regras, brigando comigo por qualquer coisinha.

Faço tudo que posso, mas, de um jeito ou de outro, sempre é demais, ou de menos, ou errado.

A cozinha cheira a canela e maçã. Uma torta esfria no peitoril largo da janela; o vapor escapa da cruz entalhada no meio da massa dourada e embaça o vidro.

Pego minha capa no gancho ao lado da porta e saio apressada. O ar é doce e acre ao mesmo tempo, uma mistura de fumaça das chaminés e das folhas mortas que cobrem o chão. Meu lugar favorito está logo à frente: um banco no roseiral, embaixo da estátua de Atena. Ali, rodeada pelas cercas vivas altas, ninguém nos vê de casa (a não ser da janela que fica no canto direito do meu quarto).

Sei disso – já conferi.

Desabo no mármore frio e jogo o capuz para trás. Meus olhos são atraídos por uma rosa se desfazendo, com as beiradas amarronzadas e as pétalas espalhadas ao redor do caule. Fixo o olhar.

Novo, penso. Novo.

Ela não revive. Não se altera em nenhum aspecto.

Mas sinto a magia em mim. Está ali, em cada respiração, em cada batimento cardíaco irritado, com seus fios diáfanos pulsando e apertando meu peito. Ela provoca, bajula, implora para se soltar. Sempre acontece quando uma forte emoção toma conta de mim. Principalmente depois de eu me conter e não fazer magia durante alguns dias.

Tento mais uma vez: *Novo.*

Nada. Deixo meu corpo cair para a frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos, o queixo aninhado nas mãos. Sou uma bruxa inútil. Tess mal com-

pletou 12 anos e é capaz de alterar o jardim inteiro sem dizer uma palavra. Ela provavelmente seria capaz de fazer isso de olhos fechados. Tenho 16 anos e nem consigo fazer um simples encanto silencioso.

Não quero ser bruxa. Eu pararia de usar a magia por completo se pudesse, mas é impossível. Já tentei uma vez, há dois anos.

Foi no inverno depois que a Mãe morreu e a Sra. Corbett e algumas esposas dos Irmãos vieram nos visitar. Elas ficavam repetindo como lamentavam a partida da coitada da minha mãe. Foi de enfurecer. Não conheciam a Mãe nem um pouco; ela nunca gostou de nenhuma delas. Eram só ovelhinhas enxeridas e barulhentas.

Assim que pensei em uma ovelha, a magia ganhou força e ali estava: uma bela criatura peluda no canto da sala, bem ao lado da Sra. Corbett. Chegou até a encostar o focinho na manga dela. Ela se sobressaltou, e eu estava crente de que tinha visto o animal. Já me preparava para os gritos estridentes começarem, pronta para ser presa e arrastada para Harwood.

Maura me salvou com um feitiço *evanesco*. Ela mandou a ovelha embora num passe de mágica.

A Sra. Corbett não chegou a ver a criatura. Nenhuma delas viu.

Depois disso, nunca mais tentei conter a magia. Pratico de maneira muito esporádica e relutante, para evitar que eu perca o controle. Mas sigo as regras que a Mãe estabeleceu para nós. Só podemos usar magia no roseiral. Só podemos falar dela em voz muito baixa e atrás de portas fechadas. Nunca podemos nos esquecer de como pode ser perigosa, nem de como pode ser perversa nas mãos daqueles que não têm escrúpulos. A Mãe me disse essas coisas várias vezes, sentada neste mesmo banco em que estou agora, enquanto eu a escutava a seus pés, esparramada na grama.

Eu gostaria que a Mãe estivesse aqui. Preciso dela. Não só para nos dizer como manter a magia em segredo do Pai, dos Irmãos, da governanta e de todos os vizinhos, mas para nos ensinar como ser bruxas e damas e a crescer sem perder as nossas melhores e mais verdadeiras partes.

Mas a Mãe não está aqui, e eu estou. É minha responsabilidade descobrir o que fazer para recuperar nossa reputação. Vou fazer visitas às esposas dos Irmãos. Comprar roupas da moda. Sorrir, assentir e dar risada. Vou fazer tudo que estiver a meu alcance para me assegurar de que a nova governanta acredite que somos meninas comuns e de cabeça vazia, que não representam ameaça a ninguém.

Eu não desmoronei quando a Mãe morreu. Não posso desmoronar agora.

– *Novo* – sussurro, e espio por entre os dedos.

Desta vez, a rosa se metamorfoseia em um botão viçoso.

O jardim fica escuro, com as estátuas se avultando fantasmagóricas atrás de mim. Eu me levanto, relutante, e me dirijo para casa. É uma casa antiga de madeira que os avós do Pai construíram quando se estabeleceram aqui. Maura gostaria de morar em uma casa nova na cidade, que tivesse torre e sacada no alto e beirais em cima das portas, mas eu gosto da nossa casa do jeito que ela é: robusta e segura. Se a tinta branca está descascando um pouco, se uma das persianas do segundo andar está meio torta, se faltam algumas telhas no telhado inclinado desde a grande tempestade de agosto passado... bom, John tem estado ocupado. O jovem Carruthers largou o emprego no meio do verão. Quem se importa se parece um pouco que o lugar está caindo aos pedaços? Ninguém nos visita mesmo.

Assim que faço a curva para entrar no jardim propriamente dito, dou um encontrão em alguém.

Recuo aos tropeções, surpresa. É raro encontrar alguém por aqui, a não ser John, nosso faz-tudo. Eu gosto que seja assim. Tess se sente à vontade na cozinha; Maura prefere a companhia dos livros em vez das flores; o Pai raramente sai do escritório, exceto para jantar ou para dormir. O jardim é *meu*.

Sinto uma pontada de irritação com este intruso.

Ele estende o braço para me segurar e um livro cai da sua mão, e é assim que o reconheço: Finn Belastra. Claro que ele estaria com o nariz enfiado em um livro, apesar de eu não saber como ele consegue ler à luz do crepúsculo. Deve ter olhos de gato.

– Desculpe, senhorita Cahill.

Finn ajeita os óculos com o dedo indicador. Ele tem sardas salpicadas feito canela pelas bochechas. E o rosto dele... ele cresceu desde a última vez que o vi. Era um garoto magricela. Agora ele... bom. Não é mais.

– O que está fazendo aqui? – questiono sem nenhuma graciosidade.

E vestido assim? Não sou muito de fazer cerimônia, mas ele está usando uma calça esfarrapada de veludo cotelê marrom, mantida no lugar por um suspensório e uma camisa de trabalho com as mangas arregaçadas até os cotovelos.

Finn tira o chapéu de aba larga. Por baixo dele, seu cabelo grosso é acobreado e espetado para todos os lados.

– Sou o seu novo jardineiro.

Ele deve estar de brincadeira. Mas está carregando um balde cheio de mato.

– Ah.

Não sei o que mais seria apropriado. “Bem-vindo” seria mentira. Não precisamos de mais gente de fora pela casa. Depois que a Mãe morreu, convenci o Pai de que iríamos conseguir nos virar apenas com a Sra. O’Hare, John e Lily. O Pai concordou em deixar as decisões relativas à administração da casa comigo, mas fez questão de contratar uma sucessão de jardineiros. Seu plano mais recente é construir um gazebo perto do lago, com vista para o cemitério.

A Mãe adorava o jardim. O Pai nunca disse nada, mas acho que o mantém bem-cuidado por causa dela. Ele próprio nunca o visita.

– Você *sabe* cuidar de um jardim? – pergunto, sem me preocupar em esconder o tom de dúvida na minha voz.

Não consigo pensar em ninguém que tenha menos habilidade para a tarefa. Os outros jardineiros eram garotos fortes de fazendas próximas, não filhos de livreiro pálidos e intelectuais.

– Estou aprendendo – responde Finn, e estende o livro.

É uma enciclopédia de plantas. Isso não inspira muita confiança.

Eu tenho ajudado, tirando ervas daninhas, plantando bulbos. Gosto de fazer isso. Além do mais, não preciso de um livro para me orientar. Observei a Mãe e John durante anos. Espero que Finn não venha me dar sermões a respeito de novos métodos de irrigação e condições ideais de solo. Ele era o sabichão mais insuportável da escola dominical.

Finn balança o balde pela alça. Seus antebraços são magros, musculosos.

– Seu pai ficou sabendo que eu estava procurando trabalho e fez a gentileza de me oferecer um aqui. Estamos com algumas dificuldades na livraria.

É bem a cara do Pai ter o coração mole, pelo menos no que diz respeito aos livros dele. Nunca o ouvi fazer qualquer objeção à caça às bruxas dos Irmãos, mas fica furioso quando fala da censura que eles impõem.

Enfio as mãos nos bolsos da capa.

– Vocês... a livraria vai fechar? – indago.

– Por enquanto, não.

Finn endireita os ombros, que devem ter ficado bem mais largos desde a última vez que o vi – ou que prestei atenção, pelo menos. Quanto tempo faz desde que realmente olhei para ele? Ele ficou bem bonito; isso não pode ter acontecido da noite para o dia.

– Que bom! Isso é bom – comento.

Finn parece surpreso com o fato de eu me importar, mas a Mãe adorava a livraria. Ela lia muito, assim como Maura e Tess. Assim como o Pai.

Tenho a sensação de que devo dizer mais alguma coisa.

– Bom, não mate as minhas flores – resmungo, e passo a mão em uma roseira em um gesto de proteção.

Finn dá risada.

– Vou fazer o melhor possível. Tenha um bom dia, senhorita Cahill.

– Tenha um bom dia, *senhor Belastra* – respondo, debochada.

Meu humor não melhora no jantar.

O cozido de peixe da Sra. O'Hare é horrível como eu esperava: salgado e mal temperado. Ela é uma excelente arrumadeira, mas não cozinha bem. Espalho manteiga em fatias grossas de pão e ignoro a tigela à minha frente. Tess fica olhando a tigela do Pai e, um momento depois, ele declara que está uma maravilha.

Franzo a testa para Tess até Maura me chutar por baixo da mesa.

Devolvo o chute com mais força e ela pula na cadeira. O pão na minha boca se transforma em cinzas ardidas. Engasgo e estendo a mão para pegar o copo de água.

– Tudo bem, Cate? – pergunta o Pai, erguendo os olhos de seu cozido de peixe milagroso.

– Tudo – declaro.

Maura lança um sorriso angelical para mim. Ela sabe que não vou revidar com magia, nunca faço isso, mas preciso me segurar para não me debruçar por cima da mesa e lhe dar um tapa.

– Acredito que todas vocês estejam sabendo da governanta – diz o Pai.

Ele está sentado na cabeceira da mesa de mogno com Tess e Maura de um lado e eu do outro. Por direito, sou a senhora da casa agora e deveria me sentar na outra cabeceira, mas ainda considero aquele o lugar da Mãe.

Tess e Maura fazem que sim com a cabeça, e o Pai prossegue:

– Ela vai chegar na segunda-feira. Ficarei até quinta para providenciar sua acomodação, mas depois passarei várias semanas viajando. Talvez não consiga retornar antes da Festa de Todos os Santos.

Tess larga a colher, que cai na mesa com estrépito.

– Isso significa mais de um mês! E o nosso Ovídio?

Eles estavam lendo *As metamorfoses* juntos. É um livro proibido pelos Irmãos: muitos deuses estranhos e idas e vindas. Mas o Pai tem um exemplar escondido.

Bate uma tristeza. Depois que a Mãe morreu, depois que ficou óbvio que ele não teria filhos homens, o Pai começou a ler com Tess e a ensinar a ela as línguas antigas que ele ama. Ela devora as lições dele feito um gatinho faminto, emocionada com qualquer migalha de conhecimento ou sobra de afeição que lhe joga.

O Pai olha para um espaço vazio na parede.

– Lamento muito por ter que adiar nossas lições.

Não lamenta, não. Maura tem razão: as únicas coisas com que o Pai se importa agora são seus livros e seus negócios. A raiva cresce dentro de mim. Será que ele em algum momento percebe quanto Tess o adora? Ele não está aqui para ver como ela anda cabisbaixa pela casa depois que ele vai embora. Sobra para mim animá-la, distraí-la com aulas de magia no jardim e representações teatrais de improviso. Sempre sobra para mim.

– Será que a governanta vai nos ensinar alguma coisa interessante? – pergunta Tess. – Ou só coisas idiotas como desenho e francês?

O Pai pigarreia antes de continuar:

– É... imagino que seja a segunda opção. O currículo de vocês não vai incluir nada que não tenha sido aprovado pela Fraternidade. Sei que não estão acostumadas com isso, mas desenho e francês são habilidades úteis para mocinhas, Teresa.

Tess suspira e fica mexendo a colher no prato. Ela já é fluente em francês, latim e grego. O pai tinha prometido ensinar-lhe alemão.

– O senhor não vai se sentir sozinho? – Maura vai até o aparador e serve uma taça de Porto para o Pai do *decanter* de cristal. – Vai passar tanto tempo fora de casa...

O Pai tosse. Será que anda tossindo mais ultimamente? Ele diz que é só a mudança de estação, mas seu rosto parece tão cansado quanto seus olhos.

– Vou ficar bem ocupado. Reuniões o dia todo.

– Mas não gostaria de ter companhia? Alguém com quem fazer as refeições? – Maura lança um sorriso reluzente e cativante para ele. Ela fica muito parecida com a Mãe quando sorri. – Anda trabalhando demais. Eu posso ir junto e cuidar do senhor. Adoraria conhecer Nova Londres.

Tess e eu giramos na cadeira. Maura tem que saber que ele nunca vai concordar com isso. Ele não sabe o que fazer conosco em casa, muito menos em Nova Londres.

– Não, não, vou ficar bem. E eu não teria tempo para cuidar de você da maneira adequada. Nova Londres não é lugar para uma mocinha sem dama

de companhia. É muito melhor que fique aqui com suas irmãs. – O Pai toma uma colherada de sopa, alheio à maneira como o rosto de Maura assume uma expressão desolada. – Agora, vamos falar sobre a governanta. A Irmã Elena recebeu ótimas recomendações da senhora Corbett. Ela foi governanta de Regina.

E Regina se casou muito bem. O Pai não diz isso, mas a ideia paira no ar, pesada como a névoa da noite. Será que é isso que quer para nós? Regina Corbett é uma moça bobinha e sorridente, e seu marido é religioso, rico e tem prestígio. Certamente será convidado para a Fraternidade na próxima vez que tiverem uma vaga. Sempre há doze membros no conselho da cidade, que variam em idade – do ancião Irmão Elliott, avô de Brenna, até o Irmão Malcolm, que tem 20 anos, é bonito e se casou no último outono.

O Irmão Ishida, chefe do conselho local, faz um relatório ao Conselho Nacional em Nova Londres duas vezes por ano. Em geral, no entanto, o Conselho não se envolve nos assuntos das cidadezinhas. Está mais preocupado com a ameaça premente de mais uma guerra com a Indochina, que colonizou a metade ocidental da América, ou com a Espanha, que colonizou o sul. Precisamos tomar cuidado com o Irmão Ishida e o conselho de Chatham. Se soubessem o que nós somos, toda a sua bondade paternal iria desaparecer em um piscar de olhos. Jovens e velhos estão unidos em seu fervor de manter a Nova Inglaterra a salvo das bruxas.

Eu não iria me casar com um membro da Fraternidade nem por todo o dinheiro dos cofres dos Irmãos.

– Eu me lembro da governanta de Regina – diz Maura. Ela está rasgando o pão em pedacinhos em vez de comê-lo. – Ela é jovem. E muito bonita.

Vasculho a memória, mas não consigo encontrar um rosto. Devemos ter visto a governanta nas cerimônias religiosas e cruzado com ela de vez em quando na rua, mas ela só ficou na cidade três meses antes de Regina se casar.

– Encontrei o novo integrante da criadagem – anuncio. – Finn Belastra.

– Ah, sim. – O Pai balança a cabeça afirmativamente. – Passei pela livraria outro dia e conversei com a mãe dele. Marianne me disse que os Irmãos espantaram metade dos clientes deles. Têm a esperança de encontrar alguma coisa proibida e mandar fechar a livraria, imagino. É uma pena termos chegado a este ponto, em que as pessoas têm medo de livros!

Nem mencione o fato de as pessoas terem medo de *garotas*. Eu o interrompo antes que comece a tagarelar.

– É verdade, mas por acaso Finn sabe mesmo cuidar de um jardim?

– Ele é um rapaz muito inteligente. Teria aproveitado muito bem o ensino universitário – afirma o Pai, sem realmente responder à minha pergunta.

Ele fica falando sobre como o rapaz teria ido para a universidade se o pai não tivesse morrido, e que foi uma pena, e tenho certeza de que Finn ficaria muito contente em saber que sua mãe anda falando de sua vida para a cidade toda.

Dou respostas educadas enquanto o Pai retoma seu discurso a respeito da importância do estudo. Acho que a intenção dele é nos incentivar em relação à governanta, mas sou a única que está escutando. Maura pôs um livro discretamente no colo. Tess se distrai ao fazer a chama de uma vela do suporte da parede bruxulear. Olho feio para ela, e ela para com um sorriso cheio de culpa. Balanço a cabeça e empurro a torta de maçã para longe, sem apetite.

Depois do jantar, estamos livres para fazer o que bem entendermos. Quando o Pai está viajando, de vez em quando convencemos a Sra. O'Hare a se juntar a nós para algumas partidas. Costumamos jogar xadrez ou damas, apesar de Tess ganhar sempre nos dois e Maura ser uma péssima perdedora. Na noite de hoje, o Pai se recolhe em seu escritório. Maura sobe para seu quarto sem mal trocar uma palavra com ninguém. Com isso, sobramos Tess e eu.

Sigo minha irmãzinha até a sala. Ela se acomoda ao piano e seus dedos deslizam com toda a graça sobre as teclas. Ela é a única de nós que tem paciência para desenvolver uma habilidade de verdade.

Chuto as sapatilhas para longe e me deito no sofá botônê cor de creme. A sonata de Tess invade a minha alma. Ela costumava tocar antigas baladas folclóricas animadas, e Maura cantava e tocava seu bandolim. Empurrávamos a mobília para os cantos e a Sra. O'Hare se juntava a nós e dançava pela sala. Agora as canções antigas estão proibidas, junto com a dança, o teatro e qualquer outra coisa que traga à tona os velhos tempos antes dos Irmãos, quando eram as bruxas que estavam no poder.

Os dedos de Tess vacilam e param.

– Você ainda está brava comigo? – pergunta ela.

– Não. Sim, estou – respondo, confusa.

Se eu não discipliná-la, quem vai fazer isso? O Pai não sabe sobre a magia, e não pode descobrir. A Mãe tinha certeza de que ele não era forte o bastante para lidar com isso. Ela mencionou a tosse que parecia deixá-lo mais frágil a cada ano. Mas é mais do que isso, apesar de ela não ter conseguido dizer com todas as letras. O Pai reclama da censura dos Irmãos e esconde livros em com-

partimentos secretos por toda a casa, mas esse é um tipo fácil de rebeldia. Não acho que a Mãe acreditasse que ele tivesse força suficiente para se opor a eles quando o assunto em questão fosse algo realmente importante. Como nós.

Ela o amava mesmo assim, mas, sinceramente, não vejo como aquilo poderia ser considerado um casamento.

Eu me sento e abraço os joelhos contra o peito.

– Você não pode fazer magia em qualquer lugar, Tess. Sabe muito bem que eu não seria capaz de suportar se algo acontecesse com você.

Tess parece muito pequena com sua jardineira de saia cor-de-rosa e o cabelo penteado em duas tranças que se estendem até a cintura. Agora que está com 12 anos, anda me incomodando para que eu permita que ela prenda o cabelo e use saias mais compridas. Suponho que a governanta vai me aconselhar a permitir isso. Não posso impedir que ela cresça.

– Eu sei – diz ela. – Eu também não suportaria se acontecesse algo com você.

Olho para os retratos em cima da lareira. Há um do Pai com os pais dele quando era pequeno, com um cachorrinho adormecido a seus pés. Ao lado, há um quadro de nós cinco: o Pai, a Mãe, Maura, Tess e eu. Tess ainda era bebê, com o cabelo louro-claro brotando feito penugem de dente-de-leão por toda a cabeça. A Mãe olha para ela cheia de amor, uma Madona com o bebê aninhado nos braços. Ela perdeu um bebê entre Maura e Tess: o primeiro de cinco enterrados no cemitério da família.

– Essa governanta... ela vai morar aqui, fazer as refeições conosco, observar cada passo nosso. Mesmo que você ache que é para ajudar alguém... o Pai, ou até eu, ou Maura...

Tess gira na banquetta a fim de ficar de frente para mim. Ela indaga:

– Isso é por causa do que aconteceu no culto religioso na semana passada?

– Não, mas esse é um exemplo perfeito.

Quando estávamos saindo da igreja no domingo passado, alguém pisou na saia de Maura. O vestido dela rasgou (bem no meio do corpete, que estava de fato apertado), mostrando o corselete dela para quem quisesse ver. Teria sido constrangedor se Tess não tivesse pensado rápido e lançado um feitiço *renovo*.

– Maura seria humilhada – argumenta Tess.

– Um pouco de humilhação pública não iria matá-la. Nós a colocaríamos na carruagem, fora de vista, e ninguém mais se lembraria do acontecido depois de alguns dias. Se alguém tivesse visto o que você fez...

– Iriam pensar que, em primeiro lugar, nunca chegou a rasgar – insiste Tess. – Fui muito rápida. Teriam achado que seus olhos estavam lhe prestando uma peça.

– Teriam mesmo? – Não estou tão certa disso. – Os Irmãos andam de olho em tudo que sugere magia e não iam achar que tivesse sido você, mas sim Maura. Sua intenção foi ajudar, eu sei, mas a situação podia ter acabado muito mal.

Tess fica mexendo na manga da camisa.

– Eu sei – sussurra.

– Brenna Elliott. Gwen Foucart. Betsy Reed. Marguerite Dolamore.

Listo os nomes como as tabelas de multiplicação que o Pai nos ensinou. São quatro meninas presas pelos Irmãos no último ano. Gwen e Betsy foram sentenciadas a trabalhos forçados no navio-prisão próximo ao litoral de Nova Londres. As condições lá são pavorosas: trabalho estafante e pouquíssima comida. Ouvi dizer que há ratazanas, doenças, e as garotas geralmente não sobrevivem. Mas Marguerite... ninguém sabe o que aconteceu com ela. Ela desapareceu antes do julgamento, levada no meio da noite.

– Você preferia que fosse Maura? Ou você? – continuo.

Sou dura com ela. Tenho que ser.

– Não. Não, nunca. – As bochechas rosadas de Tess perdem toda a cor. – Não vou mais fazer isso.

– E também vai tomar mais cuidado em casa? Não vai mais fazer magia na hora do jantar?

– Não. Só que... eu queria poder contar a verdade ao Pai. Talvez assim ele ficasse mais em casa. Cuidaria melhor de nós. Desse jeito, nunca vou chegar a lugar nenhum com as minhas lições.

Fico olhando fixo para as florzinhas douradas do tapete. Há tanta esperança na voz de Tess... Ela quer um pai normal, alguém em quem possa confiar para protegê-la.

Mas nós não somos garotas normais. Se o Pai soubesse que entrei na mente dele, fiz com que tomasse certas decisões e ainda destruí sabe-se lá que outras memórias no processo, será que algum dia iria me perdoar?

Quero acreditar que sim, que ele iria compreender. Mas não me deu nenhuma razão para acreditar que lutaria por nós.

Isso só significa que preciso lutar em dobro. Apoio o queixo nos joelhos.

– Não sabemos o que ele faria, Tess. Não podemos arriscar.

Os dedos pálidos de Tess se agitam no colo.

– Não entendo por que ela não confiou nele – ela acaba falando. – Queria que tivesse confiado. Eu queria que a Mãe estivesse aqui.

Ela volta para o piano e encontra um pouco de consolo em sua sonata. Pego a correspondência da mesinha de chá. Há algumas contas para o Pai, uma carta da irmã dele e, para minha surpresa, uma carta sem selo, em escrita rebuscada e desconhecida, endereçada à Srta. Catherine Cahill. Quem escreveria para mim? Deixei de escrever para meus parentes paternos, e a Mãe não tem parentes vivos.

Cara Cate,

Você não me conhece, mas sua mãe e eu já fomos muito amigas. Agora que Anna se foi, eu deveria estar aí para guiar você na ausência dela. Mas não posso lhe dar ajuda nenhuma, a não ser esta: procure o diário de sua mãe. Lá vai encontrar as respostas que procura. Vocês três correm grande perigo.

Com carinho,

Z. R.

A carta desliza dos meus dedos e cai no chão. Tess continua tocando, alheia ao meu pavor.

Não conheço Z. R., mas ela nos conhece. Será que sabe de nossos segredos?

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br